

## DIALOGANDO ENTRE MEIO AMBIENTE E CINEMA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE UMA OFICINA DE VÍDEO AMBIENTAL

Daniele Andrade de Carvalho (1); Lilian Moreira de Alcântara (2)

*(1) Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa, ASAGA Audiovisual, daniele.acarvalho@gmail.com. (2) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, lilianalc92@gmail.com.*

**Resumo:** O presente trabalho busca relatar a experiência de uma oficina de vídeo ambiental desenvolvida com alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas do Recife, Pernambuco, tendo como fundamentos a perspectiva crítica da educação ambiental e o potencial do cinema como ferramenta pedagógica. A educação ambiental crítica se propõe a refletir e mudar valores, hábitos e atitudes individuais e coletivas, buscando a transformação e construção de uma nova sociedade. O cinema pode ser um importante aliado nesse processo, uma vez que permite a releitura do mundo e desenvolve o protagonismo, a sensibilidade, a coletividade e a responsabilidade dos envolvidos na produção audiovisual. Tal oficina foi desenvolvida ao longo de cinco dias e trabalhou, de forma interligada, aspectos teóricos e práticos da educação ambiental e do cinema, sendo produzidos ao final dois curta-metragens. A avaliação das atividades ocorreu a partir de dinâmicas realizadas com os próprios alunos e reflexões de auto-avaliação desenvolvidas pelas ministrantes. Os alunos de ambas as escolas avaliaram positivamente as ações, em particular as discussões acerca do conceito de meio ambiente e dos elementos da composição fotográfica, além das experiências práticas de produção audiovisual no campo ambiental. Apontaram como necessidades de aperfeiçoamento a etapa de edição, que poderia ser trabalhada mais coletivamente. Concebemos que as atividades desenvolvidas não possuem um fim por si só, mas apresentam grandes possibilidades de transformação dos jovens e comunidades envolvidas, seja devido à percepção diferenciada de mundo que o fazer cinema possibilita desenvolver, além de fortalecer a auto-estima e a capacidade de trabalhar e gerar um produto coletivamente.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental Crítica, Audiovisual, Cinema Ambiental, Escola, Pernambuco.

### Introdução

Vivemos atualmente uma grave crise ambiental que, nas palavras de Leff (2009, p. 18), “é uma crise da razão, do pensamento, do conhecimento”. A Educação Ambiental (EA) se apresenta como uma importante estratégia nesse contexto, uma vez que se propõe a construir valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitude e competências, tanto a nível individual como coletivo, voltadas para a conservação do meio ambiente (BRASIL, 1999).

Entretanto, como nos alerta Guimarães (2016), o maior espaço que a EA tem ocupado na sociedade não resultou na superação dessa crise ou mesmo tem reduzido a degradação ambiental atualmente. De acordo com o autor, esse aparente paradoxo é compreendido se considerarmos que falar e praticar educação ambiental não possui um único significado, há diferentes propostas de EA, que seguem diferentes visões de mundo e, portanto, alcançam resultados diferenciados.

Nesse sentido, assumimos aqui a perspectiva crítica de EA, a qual concebe que a prática educativa é a formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado. Segundo esta orientação, a educação não se reduz a uma intervenção centrada exclusivamente no indivíduo, tomado como unidade atomizada, nem tampouco se dirige apenas a coletivos abstratos. (CARVALHO, 2004, p. 19-20)

Diferentes práticas e estratégias podem ser realizadas nessa perspectiva, desde que, como premissa, se assumam tais ações não como atividades-fim ou pontos de chegada para a suposta superação de conflitos ambientais, mas sim como atividades-meio, que a partir da reflexão entre teoria e prática – a *práxis*, se busque uma transformação efetiva dos indivíduos e sociedade (LAYRARGUES, 1999; DIAS; BOMFIM, 2011).

Uma possibilidade interessante é a utilização de diferentes linguagens e a ludicidade, que pode ser alcançada através do audiovisual. Segundo Holleben (2008, p. 9), o cinema “produz conhecimentos e pode, pela pedagogia que veicula, ser um aparato sociocultural comprometido com a transformação da sociedade”.

Ao defender as funções didáticas do vídeo na sala de aula, Moran (1995) enfatiza a naturalidade da absorção das informações através do audiovisual, já que essa linguagem aproxima-se do diálogo coloquial através do ver e da narração, considerando ainda, a música e os efeitos sonoros como artificios que remetem à imaginação e memória, de forma que a informação absorvida é costurada de modo mais simples na cabeça do aluno, tornando-se espectador. Por outro lado, além do vídeo utilizado como linguagem facilitadora ao aluno, quando colocado como espectador, há uma segunda forma de aproveitamento didático da linguagem audiovisual que é compreender seu processo de realização, já que isso é necessário pesquisar sobre o tema, buscar um olhar sobre ele, pensar uma forma e encadeamento das informações e, por fim, ir a campo, tomando contato direto com a temática, dialogando com responsáveis e pesquisadores da área.

Para Penteado (2011), ao aprender a técnica e fazer uso de recursos audiovisuais (câmera digital, filmadora, etc), o educando poderá desenvolver de modo mais autônomo seus projetos. Assim, podem ser desenvolvidos valores e atitudes como o protagonismo, a sensibilidade, a coletividade e a responsabilidade, tão caros ao processo de educação ambiental.

Dessa forma, o presente trabalho se propõe a relatar a realização de uma oficina de vídeo ambiental com alunos de duas escolas públicas municipais de Recife, PE, que foi desenvolvida durante a 3ª Mostra Ambiental do Recife, em agosto

de 2017. A oficina teve como objetivo principal estimular uma visão crítica dos estudantes acerca do seu meio ambiente através da produção de um vídeo e contou com ações de sensibilização ambiental, apresentação de técnicas e produção audiovisual pelos próprios alunos.

## **Metodologia**

A oficina de vídeo ambiental foi parte da programação da 3ª Mostra Ambiental do Recife (MARÉ), realizado pela associação ASAGA Audiovisual, que buscou, através do cinema e outras linguagens artísticas e pedagógicas, a promoção de uma reflexão crítica sobre meio ambiente e engajamento socioambiental no Recife. Entre os dias 07 e 11 de agosto de 2017, ocorreu a etapa de formação da Mostra, que consistiu na realização de duas edições da oficina aqui relatada, cada uma em uma escola da rede pública do Recife: Escola Municipal Poeta Jonatas Braga (P.J.B.), no bairro de Campo Grande, e Escola Municipal Professor José da Costa Porto (P.J.C.P.), no bairro de Joana Bezerra / Coque. Ambas as escolas receberam a oficina durante uma semana, sendo que na primeira, uma turma de 8º ano do ensino fundamental foi direcionada integralmente para a oficina durante seu turno regular (manhã), totalizando 14 alunos. Já na segunda, 18 alunos de diferentes turmas de 8º e 9º ano foram selecionados previamente pela professora de ciências para participar da atividade no contraturno (tarde), uma vez que a escola funciona no sistema integral.

A oficina foi desenvolvida por uma bióloga e educadora ambiental, juntamente com uma cineasta, que planejaram e ministraram as aulas em conjunto. Como materiais utilizados, a oficina contou com *datashow*, computador com o software de edição *Adobe Premiere* instalado, caixa de som, câmera CANON T3i com cartão de memória, tripé e microfone direcional, além de recursos pedagógicos como cartolina, papel A4, lápis, canetas hidrocor, recortes de revista e vídeos ambientais. Também foi solicitado aos alunos que tivessem celular com câmera digital, que levassem durante os dias de oficina, para realizarem atividades presenciais e extraclasse.

A carga horária da oficina foi de 20 h/a, sendo distribuída em 4h por dia (de segunda a sexta-feira), cujos conteúdos, estratégias desenvolvidas e recursos utilizados a cada encontro estão descritos a seguir.

### **Dia 1 (segunda-feira)**

*Conteúdo:* Entrosamento dos participantes e interpretação de imagens; Conceitos de meio ambiente e conflitos ambientais; Composição fotográfica: cor, moldura, luz, linhas e curvas, figura e fundo, textura, ponto de vista.

*Estratégias:* Dinâmica de apresentação utilizando recortes de imagens que se identificaram; Elaboração de desenho representando o meio ambiente; Exposição dialogada sobre meio ambiente e conflitos ambientais; Exposição dialogada sobre composição fotográfica; Encaminhamento de exercício extraclasse com registro de fotos do meio ambiente utilizando os conceitos trabalhados.

*Recursos utilizados:* recortes de revistas e livros, papel A4, lápis, caneta hidrocor, *datashow* e computador.

### **Dia 2 (terça-feira)**

*Conteúdo:* Revisão sobre composição fotográfica e conceitos de meio ambiente e conflitos ambientais; Sequência fotográfica; Composição de vídeo: roteiro e montagem.

*Estratégias:* Recebimento do exercício extraclasse e discussão a partir dos elementos e conceitos previamente trabalhados; Discussão acerca de sequência fotográfica e realização de exercício para produção de uma sequência fotográfica nos espaços da própria escola; Discussão acerca das noções básicas de composição de vídeo e exibição de vídeos ambientais como exemplo; Construção em conjunto do pré-roteiro do vídeo que foi produzido, estabelecendo o planejamento da pré-produção.

*Recursos utilizados:* papel A4, lápis, caneta hidrocor, telefones celulares dos alunos, câmera CANON T3i com cartão de memória, *datashow*, computador, caixa de som e vídeos *Ilha das Flores* (Jorge Furtado, 1989) e *Missão Impossível* (Vários, 2010).

### **Dia 3 (quarta-feira)**

*Conteúdo:* Roteiro; Funções na produção audiovisual (direção, produção, direção de arte, direção de fotografia, platô, entre outros); Práticas de produção audiovisual; Noções de decupagem e montagem.

*Estratégias:* Revisão do pré-roteiro e realização de ajustes após a reunião dos materiais disponíveis e elementos necessários para a produção; Exposição dialogada sobre as principais funções na produção audiovisual e divisão dos alunos na equipe de produção; Montagem do *set* e início das filmagens internas na escola; Exposição das

filmagens realizadas com início da decupagem (divisão e organização das cenas e sequências) das imagens captadas e discussão sobre o roteiro de montagem.

*Recursos utilizados:* papel A4, lápis, telefones celulares dos alunos, objetos de cena variados, câmera CANON T3i com cartão de memória, tripé e microfone direcional, *datashow*, computador, caixa de som.

#### **Dia 4 (quinta-feira)**

*Conteúdo:* Roteiro; Funções na produção audiovisual; Práticas de produção audiovisual; Noções de decupagem e montagem.

*Estratégias:* Revisão do roteiro; Revisão da divisão dos alunos na equipe de produção; Montagem do set e filmagens externas à escola; Exposição das filmagens realizadas com início da decupagem (divisão e organização das cenas e sequências) das imagens captadas e discussão sobre o roteiro de montagem; captação de imagens internas na escola que precisaram ser refeitas.

*Recursos utilizados:* papel A4, lápis, telefones celulares dos alunos, objetos de cena variados, câmera CANON T3i com cartão de memória, tripé e microfone direcional, *datashow*, computador, caixa de som.

#### **Dia 5 (sexta-feira)**

*Conteúdo:* Noções de edição de vídeo; avaliação da oficina.

*Estratégias:* Início da edição do vídeo (organização do material, primeiros passos no programa de edição, organização das sequências de imagens e sons); Realização de dinâmicas de avaliação da oficina.

*Recursos utilizados:* cartolina, papel A4, lápis, caneta hidrocor, câmera CANON T3i com cartão de memória, *datashow*, computador, caixa de som.

Após o período de encontro presenciais da oficina, a edição dos vídeos foi finalizada, gerando como resultado dois curta-metragens. Estas produções foram exibidas nas escolas participantes e uma cópia do DVD contendo os vídeos foi entregue a cada instituição.

A avaliação da experiência aqui relatada foi baseada, em parte, nas duas dinâmicas realizadas durante o último dia de oficina. A primeira consistiu na construção de uma linha do tempo com os alunos, utilizando cartolina e caneta hidrocor, na qual eles deveriam pontuar os aspectos positivos e negativos em cada dia da oficina. Após essa atividade, foi solicitado aos alunos que, em outra cartolina dividida ao meio, expusessem de

forma geral o que levaram de presente da oficina, e o que davam de presente à equipe durante esses dias que estiveram juntos. Dessa forma, os alunos puderam avaliar em conjunto as atividades realizadas, mas também com espaço para se expressarem individualmente acerca do que gostaram e do que não foi positivo, em seus pontos de vista. Além dos resultados obtidos com essas atividades, as discussões aqui levantadas também levam em consideração as observações e registros realizados ao decorrer da oficina e reflexões de autoavaliação promovidas pelas ministrantes.

### **Resultados e Discussão**

Em ambas as escolas, os alunos demonstraram grande interesse pela oficina e as atividades como um todo foram bastante positivas. Os temas dos vídeos produzidos foram escolhidos pelos próprios alunos, a partir de uma indicação prévia dos professores regulares da escola sobre o que eles estavam trabalhando na época. De forma ampla, as duas escolas trabalharam a temática da poluição, mais especificamente a P.J.B. focou em como o descarte inadequado de resíduos sólidos impacta o canal de escoamento de água próximo à escola (Canal da Agamenon). Já na P.J.C.P., o vídeo buscou mostrar o contraste entre a poluição no entorno da escola e o potencial dos alunos para a transformação da sua realidade.

A partir da análise das produções realizadas durante as atividades de avaliação, sistematizamos os aspectos positivos e negativos elencados pelos alunos no Quadro 1.

**Quadro 1** – Aspectos positivos e negativos apontados pelos alunos da Escola Municipal Poeta Jonatas Braga e Escola Municipal Professor José da Costa Porto a partir das dinâmicas de avaliação da oficina de vídeo ambiental conduzida durante a 3ª MARÉ.

	<b>Escola Municipal Poeta Jonatas Braga</b>	<b>Escola Municipal Professor José da Costa Porto</b>
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprendizados sobre o que é meio ambiente;</li> <li>- Elaboração de desenhos sobre meio ambiente;</li> <li>- Aprendizados sobre composição fotográfica;</li> <li>- Exercícios de produção de vídeos e sequência fotográfica;</li> <li>- Filmagens;</li> <li>- Atividade externa à escola;</li> <li>- Edição de vídeo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Momento de apresentação;</li> <li>- Aprendizados sobre o conceito de meio ambiente;</li> <li>- Construção do roteiro;</li> <li>- Conhecimentos novos aprendidos;</li> <li>- Filmagens internas e externas;</li> <li>- Vivência de fotos no mangue;</li> <li>- Aprendizados sobre edição.</li> </ul>
<b>Pontos negativos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não pôde levar o recorte de jornal escolhido na dinâmica de apresentação;</li> <li>- Presença da equipe do festival;</li> <li>- Pouca interação em alguns momentos;</li> <li>- Erros de gravação por conta do barulho;</li> <li>- Falhas técnicas na edição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aula de edição;</li> <li>- Tempo reduzido.</li> </ul>

Um dos aspectos positivos recorrentemente apontado foi o aprendizado sobre o conceito de meio ambiente. Na construção da linha do tempo, foram expressas as seguintes afirmações pelos alunos das escolas P.J.B. “Eu aprendi que nem tudo é poluição” e P.J.C.P. “Gostei porque aprendi o que é meio ambiente, que meio ambiente não é só natureza”, “Levo o aprendizado de que lixo também é meio ambiente”, “Aprendizado que meio ambiente não é só coisa bonita, é lixo também”.

Tal apontamento se deu devido aos momentos vivenciados durante a oficina que proporcionaram essa discussão acerca do conceito de meio ambiente. Em particular no primeiro dia, foi realizada uma atividade para levantar as concepções prévias dos alunos, na qual eles deveriam elaborar um desenho sobre o meio ambiente. Principalmente os alunos da P.J.C.P. apenas incorporaram atributos naturais (animais, plantas, sol, montanhas, oceano, etc), nem eles mesmos foram inseridos ou quaisquer elementos antrópicos. Na escola P.J.B.,

os alunos já se inseriram e de certa forma elaboraram desenhos mostrando lixo e outras formas de poluição. Entretanto, no momento da exposição dialogada, foram exibidas algumas fotos, para os alunos reconhecerem quais representavam ou não o meio ambiente, e, em ambas as escolas, houve certa resistência para considerarem imagens com trânsito, rio poluído e cidade com prédios como parte do meio ambiente.

Inúmeras pesquisas têm sido realizadas com o intuito de investigar as concepções de meio ambiente que diferentes atores sociais apresentam. Silva (2009), em uma revisão sobre os trabalhos que pesquisaram tais concepções, apontam a naturalista (percebe o meio ambiente somente como natureza) e a antropocêntrica (meio ambiente como algo externo ao ser humano, sendo a natureza um recurso a ser utilizado por ele) como as mais comuns entre os sujeitos pesquisados. Justamente foi essa visão naturalista a principal demonstrada nos desenhos e falas dos estudantes que participaram da oficina aqui relatada. A partir dessa concepção prévia levantada e conscientes de que a representação de meio ambiente é polissêmica, buscamos trabalhar uma visão mais ampliada e próxima de Reigota (2004), na qual a própria sociedade dialoga com os elementos naturais, implicando em processos de transformação do meio natural e construído.

Houve grande participação e interesse dos alunos por essa discussão, de forma que em vários momentos nos dias seguintes, eles traziam de forma espontânea a lembrança de que meio ambiente não é só natureza. Por exemplo, mesmo sem ser solicitado pelas ministrantes da oficina, os alunos da escola P.J.C.P. inseriram a questão “o que é meio ambiente pra você?” na entrevista com moradores durante a captação de imagens para o vídeo, os quais estimularam os entrevistados a expor sua concepção de meio ambiente e, quando possível, buscaram desconstruir uma concepção mais ingênua, naturalista e antropocêntrica.

Outro aspecto bastante apontado pelos alunos durante as dinâmicas de avaliação foi a reflexão e aquisição de conhecimentos sobre fotografia e produção audiovisual. Durante a exposição dialogada sobre composição fotográfica, os alunos foram encorajados a descrever o que viam nas fotografias em exposição, tratando de tirar o máximo de informações do momento da foto e da narrativa pretendida por seus autores. Mediados pela ministrante, aos poucos os próprios alunos revelavam suas percepções fotográficas (iluminação, perspectivas, posicionamento dos objetos, textura, foco, entre outras) e tiveram facilidade de experimentá-las posteriormente. Ao fim do dia foi proposto um exercício em que trouxessem fotografias de problemas ambientais de seus bairros, visando não só a experimentação fotográfica, mas o acesso à realidade através da câmera. Os alunos da escola P.J.B.

se organizaram voluntariamente em grupos e trouxeram imagens do canal de escoamento que caracteriza a principal avenida que cerca o bairro, tomando a câmera como ferramenta de aproximação dessa realidade. Já os alunos da escola P.J.C.P. trouxeram imagens individuais de diversos pontos nas proximidades das escolas, aplicando os conceitos fotográficos e estéticas cabíveis para o que fotografavam, com experimentações bastante significativas de todos exemplos propostos em sala.

Dessa forma, os alunos puderam reconhecer que usar o cinema como linguagem para construir um raciocínio e ponto de vista sobre o entorno é antes de tudo uma prática pedagógica divertida, portanto envolvente, na qual é possível "ter uma experiência singular e intensa com o mundo, uma experiência que é a própria invenção do mundo em que vivemos" (MIGLIORIN et al., 2016, p. 10).

O trabalho coletivo exigido para fazer um filme do início ao fim permitiu aos participantes experimentar a divisão coletiva de funções, agregando ao máximo possível todas as ideias e seus talentos diversos, que são aproveitados na construção prática de uma nova linguagem. Ainda, trabalha diretamente com a auto-estima, uma vez que, como foi observado na experiência aqui relatada, possibilita descobrir novos interesses e capacidades, remodelando o modo que os alunos são vistos pelos professores, colegas e inclusive pelas próprias famílias (FRESQUET, 2015)

Em particular a construção coletiva do roteiro e sua execução estimulou nos alunos uma reflexão crítica e reconstrução da sua visão sobre o meio social em que vivem, aspectos tão relevantes no desenvolvimento de um processo pedagógico que se propõe a ser crítico. Nas palavras de Layrargues, (2011, p.12) "não é possível aprender algo novo sem mudar o ponto de vista nem, inversamente, mudar uma realidade sem aprender ou descobrir algo novo com e sobre ela". Ao final, a fala de uma aluna da P.J.C.P. demonstrou esse autorreconhecimento acerca do seu potencial enquanto transformadores da sua própria realidade: "Eu deixo para L. e D. [nomes das ministrantes] que nossa escola tem força de vontade".

Por outro lado, tivemos certa dificuldade em inserir todos os alunos no processo de filmagem. Mesmo tendo buscado dividir a turma em equipes, cada uma com uma função diferente, em muitos momentos alguns alunos acabaram não participando ativamente ou se dispersando, já que o processo de filmagem de roteiros simples não exige uma equipe tão grande como as turmas escolhidas. Em edições futuras, pretende-se dividir a turma desde o primeiro ou segundo dia de oficina, para que cada equipe foque

em sua área desde a pré-produção. Por exemplo, alunos destinados à Produção ou Direção de Arte, podem pensar e preparar melhor os cenários enriquecendo o roteiro e colaborando mais ativamente para a rodagem dos filmes.

Como um dos aspectos negativos apontados pelos alunos, foi recorrente a fala de que o tempo total da oficina era reduzido ou que eles gostariam de mais atividades com as ministrantes. Concebemos essas falas como representativas do interesse e aproximação afetiva com as ministrantes, o que será posteriormente melhor discutido. Acerca da duração da oficina mais especificamente, tal apontamento foi analisado também em momentos de auto avaliação, na qual concebemos que o desenvolvimento da oficina de modo intensivo possibilita maior foco e concentração do interesse dos alunos nas atividades propostas. Por outro lado, reconhecemos o risco que essa escolha pedagógica apresenta para uma não continuidade do processo educativo, mas compreendemos que tal atividade não se encerra por si só, representando um ponto de partida para futuras reflexões e aprendizados.

A etapa de edição do filme também foi indicada por alguns alunos como um aspecto negativo o que, possivelmente, foi motivado por falhas técnicas que houve nesse momento da oficina (não funcionamento de um dos equipamentos necessários). Mesmo solucionada essa questão em uma possível nova edição, sugerimos como pertinente a seleção em conjunto da trilha sonora e um tempo maior dedicado a editar com eles, pois este processo é fundamental para que os alunos avaliem o quanto o material filmado se aproxima ao previamente planejado por eles, aprendendo mais efetivamente sobre o processo da montagem.

Por último ressaltamos que a aproximação afetiva com os alunos em ambas as escolas contribuiu significativamente para o sucesso e envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Durante todo o desenvolvimento da oficina, buscou-se atentar para esse campo afetivo, tendo como base a noção de que os vínculos estabelecidos entre sujeitos/alunos e os objetos/conteúdos são fortemente influenciados pela qualidade da mediação pedagógica (LEITE, 2012).

### **Considerações Finais**

Apesar de alguns aspectos que precisam ser aperfeiçoados em edições futuras, a oficina de vídeo ambiental aqui relatada foi bastante proveitosa e relevante para os participantes. A oportunidade de olhar criticamente para o seu meio e fazer a releitura do seu cotidiano para a linguagem audiovisual é uma importante

ferramenta para a educação ambiental. Cientes das limitações que uma oficina com duração de apenas uma semana apresenta para um processo pedagógico significativo, compreendemos que tal ação desencadeia reflexões e práticas futuras, se a concebemos não como uma atividade-fim, mas um ponto de partida para a *práxis* da educação ambiental crítica.

## Referências

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 28 abr. 1999.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 13-24.

DIAS, B. C.; BOMFIM, A. M. A teoria do fazer em educação ambiental crítica: uma reflexão construída em contraposição à educação ambiental conservadora. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 8., 2011, Campinas. **Atas do ...** Campinas: ABRAPEC, 2011. p. 1-9.

FRESQUET, A. O cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala. In: FRESQUET, A. (Org.) **Currículo de cinema para escolas de educação básica.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 103 p.

GUIMARÃES, M. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 7, n. 9, p. 11-22, mai. 2016.

HOLLEBEN, Í. M. A. D. S. Cinema & educação: diálogo possível. **SEED**, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

LAYRARGUES, P. P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema gerador ou atividade-fim da Educação Ambiental? In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 131-148.

LAYRARGUES, P. P. ; LIMA, G. F. C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. In: Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 6., 2011, Ribeirão Preto. **Anais do...** Ribeirão Preto, 2011. P. 1-15.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n.3, p. 17-24, set.-dez. 2009.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

MIGLIORIN, C.; PIPANO, I.; GARCIA, L.; MARTINS, I. M.; GUERREIRO, A.; NANCHERY, C.; BENEVIDES, F. **Cadernos do inventar: cinema, educação e direitos humanos**. Niterói: EDG, 2016. 80 p.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27-35, jan. 1995.

PENTEADO, A. L. de O. **Cinema de animação: uma proposta de trabalho para o ensino fundamental**. Monografia (Especialização) - Programa de Pós-graduação em Ensino das Artes Visuais: Práticas Pedagógicas e Linguagens Contemporâneas, Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade de Tuiuti do Paraná. 2011. 54 f.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, S. N. Concepções e representações sociais de meio ambiente: uma revisão crítica da literatura. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 7., 2009, Florianópolis. **Atas do ...** Campinas: ABRAPEC, 2009. p. 1-12.